

Alfredo Pimenta Braga (Pai)  
Rua da Pátria, Guimarães

# Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES  
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série  
N.º 2

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade  
Guimarães, 30 de Abril de 1930

Redacção e Adm.: RUA DA REPÚBLICA, 24.  
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

## Museu Alberto Sampaio

Apesar de muito claramente termos dito o que pensavamos sobre o caso do Museu Alberto Sampaio, pessoas houve que, por miopia ou facciosismo, não nos quiseram entender. Outras viram nas nossas ligeiras apreciações um objectivo que elas nunca tiveram. Daí a necessidade de meia dúzia de palavras explicativas.

O caso do Museu interessa-nos, e muito, única e exclusivamente debaixo d'este aspecto: absoluta necessidade de continuarem as obras para a sua instalação, e as do restauro da Colegiada, sem quaisquer dificuldades ou obstáculos a entrava-las. As pessoas, sejam elas quais fôrem, estão para nós muito abaixo dos interesses de Guimarães.

De resto, fazemos sinceros e ardentes votos por que todos os mal entendidos, se os há — e parece have-los — desapareçam.

Mais claro ainda: não somos pelo rev.º arcebispo, nem pelo sr. Alfredo Guimarães, — somos pelos Claustros, somos pelo Museu. Continuem as obras do restauro, façam-se estas debaixo de uma orientação inteligente, instale-se o Museu com tôdas as condições de corresponder aos fins para que foi criado!

São os votos que fazemos — e são os votos de todos os habitantes de Guimarães.

## Grémio do Minho

Vai passar no dia 4 de Maio o VII aniversário da fundação, na capital do País, do «Grémio do Minho».

A sua divisa — «Pelo Minho e pelos Minhotos!» — tem sido prestiosamente honrada num trabalho muito proveitoso para a Província que representa.

A nossa terra deve a esta benemérita ala-avançada dos nossos comprovincianos algumas excelentes afirmações de solidariedade e de cooperação.

Importa que a sua delegada nesta cidade — a «Comissão Auxiliar do Grémio do Minho» — chame à efectividade os seus membros, para que não deixe de sentir-se entre nós o influxo activo e proveitoso desta instituição, a qual tem em Lisboa a efficácia de uma procuradoria, para a defesa e propaganda da região minhota.

Com os nossos parabéns pela sua festa aniversária, vamos mandar ao gabinete de leitura do «Grémio do Minho» o «Pro-Vimaranense» — eco vivo das aspirações locais.

Este número foi visado pela comissão de censura

## Uma Atitude --- Um Exemplo

Ex.º Sr. Director: — pois que V. Ex.ª é dos poucos que se recordam, nessa Terra, de que existo, e de que sirvo, possivelmente, para rabiscar uns gatafunhos desgraciosos a favor dos interesses da nossa querida e tão maltratada Guimaraens, aqui estou a felicita-lo pelo reaparecimento do trimensario «Pro Vimaranense» — campo onde, pelo que vejo no seo artigo, se podem encontrar todas as energias e todas as vontades, uma vez que as prenda, enfeite e anime o amor desinteressado ao nosso burgo.

Porque V. Ex.ª toca a reunir (não extranhe a expressão: estamos em regime próprio) — venho dizer-lhe: — *aqui estou!*

Para quê? Depende. Os homens são uteis, segundo as ocasiões. Chegará, algum dia, o momento de eu ser útil? Deos o sabe. Desejo de o ser, ninguem o tem — nem mais ardente, nem mais veemente, nem mais profundo, nem mais sincero.

Os trez mezes que ahi passei, no verão do ano findo, revelaram-me tanta coisa triste na nossa Terra, que nem V. Ex.ª calcula. Eu quereria poder tudo, em todos os campos — no da Pena, em que sou mero e insignificante aprendiz, e no da Politica em que não sou nada, e no da Actividade animadora e persuasiva, para que não tenho o mais pequeno geito.

E o que eu faria, então! Ai o que eu faria! Porque atravez de tantas circunstancias complicadas e extranhas, sempre no meo coração, viveo, palpitante e bella, uma inconfundivel ternura pelo cantinho onde dei os meos primeiros passos, e sonhei os meos primeiros sonhos, e comeci a treinar-me para a lucta aspera e ingloria.

Amo a minha Terra, atravez de tudo; e apezar de tudo, ella é, para mim, a mais bella, e a mais digna das minhas atencões e dos meos cuidados. Não mo levemente a mal.

Poder-lhe-hei ser, algum dia, útil? Deos o permita.

Diz V. Ex.ª que junta no seo jornal, a combater o bom combate, todos os vimaranenses, sejam quais forem os seus credos politicos ou religiosos.

Está bem.

Sou, como é publico e notorio, monarchico. Tenho, para mim, que antes de qualquer outro problema, é o problema politico o que é preciso resolver-se. *Politique d'abord.* Entendo que todos os outros problemas são função do problema politico. Digo que é vão todo o esforço empregado na solução do problema financeiro, e do problema economico, e do pedagogico, e do

da ordem publica, e do problema social, etc. etc. — enquanto se não resolver aquelle que é o ponto de partida de todos os outros. Mas isto é sob o ponto de vista da vida do Estado. Em relação à vida, propriamente, de Guimaraens, não ha monarchicos nem republicanos: ha vimaranenses. Como vimaranenses, nós não temos de discutir se a continuidade hereditaria é ou não preferivel, na estrutura constitucional do Estado, à incontinuidade systematica. Como cidadãos do Estado, o problema interessa-nos; como cidadãos da cidade de Guimaraens, o problema está fora da nossa competencia.

O que deve interessar-nos é o problema da hygiene cidadina, o das suas agoas, o do seo Lyceo, o da sua Escola Industrial, o da sua Collegiada, o da sua Guarnição Militar, o dos seus meios de comunicação, o da sua maior ou menor actividade administrativa, o do seo desenvolvimento turistico e economico, etc.

Maldito systema esse de se elegerem camaras municipais monarchicas ou republicanas, hoje, como progressistas ou regeneradoras, hontem.

Nos municipios, só ha uma politica legitima: a politica municipal. E esta não tem nada que ver com a politica do Estado. Agadanhem-se, esfolem-se, esfaqueiem-se os cidadãos, se isso lhes dá prazer — a volta de se saber se deve governar-nos o Rei ou o não-Rei. Mas que isso, por Deos!, não seja trazido para a vida municipal. Dentro dos muros do concelho, só devemos ter presente uma coisa: o que convem directamente ao concelho. Mesmo o que convem ao Estado é da competencia dum pequeno numero de pessoas. No concelho de Guimarães pode haver — que digo eu? — uma duzia de pessoas competentes para discutir o problema politico nacional. Agora, o que convem à minha freguezia, e o que convem às freguezias do meu concelho — isso é coisa que todos os vizinhos entendem.

Quero eu dizer na minha, senhor Director, que Guimaraens não deve ser desorientada pela existencia dos partidos politicos, e deve concentrar todos os seus esforços e todas as suas cancelas, na solução dos multiplos aspectos do Problema vimaranense. E' com estas ideas que eu digo a V. Ex.ª, quando o oiço tocar a reunir: — aqui estou!

E' com ellas que ponho, sem esperanças de que venha a ser utilizada, e sem iluzões sobre a eficiencia da sua acção, a minha

## S. Torcato—Estância de turismo

Pugna a irmandade de S. Torcato pela elevação daquele lugar a estância de turismo. Na demarcação da sua zona entram algumas freguezias vicinaes: o que quer dizer que as correspondentes receitas devem habilitar a irmandade a dar corpo e efectivação ao seu pensamento de acção turistica.

Em verdade, as belezas naturais do lugar e aquele ambiente que deriva do seu santuario de milagres e de devoção popular, induzem-nos a lançar aqui palavras de estímulo para que não se abandone o propósito de fazer de S. Torcato uma estância de turismo, tantos são os motivos para que tornem aquele lugar mais encantador ainda, juntando-lhe para isso os elementos que ali concorrem e são atributos da Natureza, aos demais que um bem estudado plano de obras aconselham.

A representação que a irmandade vai dirigir, mais uma vez, à repartição central, marca *inteligentemente* o fulcro de acção que a futura commissao de turismo deve seguir naquella esplêndido lugar de arte e saudade.

Buscaremos dar aos nossos leitores os termos dessa representação, não abandonando este caso, enquanto elle não fôr deferido, tanto elle se impõe a nossa simpatia.

modesta e apagada voz ao serviço da minha Terra, ou para empregar a expressão do seu jornal — *Pro Vimaranense*. Agradecendo a V. Ex.ª a gentileza de se ter lembrado de mim, termino dizendo-lhe que me seria muito agradável ver esta carta publicada no proximo numero do seo jornal.

De V. Ex.ª, etc.

Alfredo Pimenta.

N. da R. — Alfredo Pimenta, monarchico categorizado, escritor illustre, responde, num gesto espontâneo que o nobilita, à nossa chamada, ao toque de reunir. O Director d'este jornal, que é republicano, e sempre o será, mas que acima de tudo, no que respeita a vida local, é, e sempre será, vimaranense, orgulha-se por vêr que, sem receios, confiadamente, todos os vimaranenses de valor vão trazendo a sua actividade, a sua energia e o seu talento para o bom combate.

Alfredo Pimenta, inteligente e culto, vimaranense como os que melhor o são, compreendeu-nos. Oxalá que todos, como elle, saibam responder à chamada, oxalá que todos ouçam o toque de reunir. Que os descontentes, os scepticos, os comodistas, sobretudo estes, se compenetrem dos seus deveres. Os néscios que se deixem ficar onde quiserem. Tudo pela nossa querida, bem amada e desgraçada Terra!

Liceu de Martins Sarmiento

Com o título de «Liceu Martins Sarmiento» publicou o «Primeiro de Janeiro» de 23 passado, no número que inseria algumas páginas dedicadas a Guimarães, um artigo da autoria do ilustre professor do mesmo Liceu, Dr. J. Francisco dos Santos. Nêsse artigo são bem focadas as condições excelentes do nosso primeiro estabelecimento de ensino, que, como S. Ex.<sup>a</sup> diz, é dotado de instalações que podem, sem exagêro, figurar entre as melhores dos Liceus da Província. E' de lamentar, porém, que o articulista, pessoa para isso duplamente autorizada, como professor distinto que é e como membro da edilidade, não tivesse uma só, uma única palavra para se referir a uma das mais gratas e das mais justificadas aspirações dos vimaranenses, — a da elevação do Liceu à categoria de central, pelo menos com o curso de ciências.

Muito Bem!

A Câmara resolveu, na sua última sessão, mandar proceder, depois de cumpridas as formalidades legais, à demolição daquele inestético e porco casarão da rua Dr. José Sampaio (Hortas), que há muito vinha atestando, para ingloria de todos nós, até onde pode ir o mau gôsto aliado ao desleixo. Merece indiciados louvores a resolução camarária. Guimarães precisa muito de lavar a cara, de se alindar, de se tornar atraente, para deixar bem impressionados os seus visitantes.

«Pro-Vimarane»

Quási todos os srs. correspondentes nesta cidade dos jornais de Lisboa e Porto se referiram muito lisongeiramente ao aparecimento dêste jornal, desejando-lhe muitas prosperidades e longa vida.

Também os nossos colegas locais nos receberam com manifesta simpatia, diremos mesmo, — carinhosamente.

Da referência que nos fez a «Velha Guarda», publicada sob o título «Um jornal que honra a Terra», transcrevemos os seguintes períodos:

«A maneira como se apresentou, o variado dos problemas que insere nas suas colunas, é de sobremaneira honrosa para os vimaranenses e orgulhamo-nos de podê-lo contar entre o número dos colegas honestos e leais.

Orgão da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, êste trimestral deve ser a cartilha de todos os bons vimaranenses, dado o interesse alevantado como pugna pelos direitos de Guimarães, como se ergue dêsse atoleiro em que a terra há tempos vegeta — farol e guia de tôdas as nossas aspirações.

Saudando-o, endereçamos-lhe os nossos mais efusivos cumprimentos e desejamos-lhe uma longa vida.  
Por Guimarães!»

Também o «Primeiro de Janeiro» de 23 do corrente se referiu, numa das páginas que dedica a Guimarães, nos mais calorosos termos a êste Jornal.

A todos muito obrigado. E a todos também a certeza de que terão no «Pro-Vimarane» um camarada lial.

Ver anúncios na 4.ª página.

# Em flagrante delito

Sendo Governador da Baía o Marquês de Angeja, em festa de luzimento por êle organizada, lhe vieram com a notícia de haver adoecido o pregador mesmo á hora do sermão. Andava, porém, ali um clérigo, homem brando e enfronhado, que serviria para remediar improvisamente a falta. Buscou o o Marquês, em aflitivo descoroçoamento, pedindo e instando muito, como fidalgo que era. E assim houve sermão, apóstrofo e quente. Mal terminado, correu o Marquês a tôda a pressa à escada do púlpito para lhe dar os parabens e apertar as mãos — mas o Prêgador se retirou, dizendo — «que era bem que sua Ex.<sup>a</sup> lhe desse a mão para subir, não para descer.»

Não faltam ao «Pro-Vimarane» os Malhões e Chousas afamados nesta repenicante celebração da Terra, jazida de nossas esfumalhadas horas, para que bem pudesse dispensar-se o dr. José Pinto Rodrigues. Mõço-Esforçado da Ala dos Entusiastas de 1930, de tornar-me oportuna a astuciosa resposta do modesto e desassombado sacerdote — «muito obrigadinho pela má lembrança, mas eu antes queria ficar e quedar silencioso». Assim tomado de surpresa, nem lançar mão posso a jeito de qualquer «velharia», embora de mais fadigosa tarefa e melhor proveito, muito cômoda posição para quem, não se limitando a aceitar as ideias-feitas, na repentina escrevinhadela, vai deslizar a dizer o que pensa, com desagrado de muitos, e sem qualquer regosijo próprio, antes com desalentado amargor. Assim o juro.

Logo no programa, arvorado em dogma, se inscrevem como essencialíssimas e tintimarrêscas aspirações: «elevação a central do Liceu Martins Sarmiento... Unidade Militar... subsídios à Escola Industrial de Francisco de Holanda...» Com certa reserva mental, aqui diante do público, para não alvoroçar logo as massas, apetecia-me rabular uma distinção casuística, e dizer, como vimaranense — «venha o que nos levaram» —, rápido, como homem, sublinhando, em meu nome individual se o quiserem — «e que não faz cá falta alguma» —. E' algo cacafônico, mas exacto. Liceu Central — para quê? Unidade Militar — para quê?

Chãmente, eu diria: queremos um Liceu pequenino e capaz, e, se para isso necessário se tornar, nem lhe chamem Liceu, mas escola de instrução secundária. Nem à maneira antiga, nem pelos actuais moldes, entre nós usados. Nós andamos a viver de matar os filhos numa ilusão mentirosa de janotismo intelectual e científico, apenas exterior, aparente, mas falso como todo o janotismo — deturpando e envenenando o espírito da mocidade, de uma forma cruel, com uma requintada estupidez de bárbaros civilizados. A atrofiar-lhes o corpo, a anemiar-lhes o espírito, a transviar-lhes a energia, a incutir-lhes vícios precoces — nós, os pais e os professores — como único escape do rapaz à soturna basófia professoral, à trepidação inquieta da casa e ao estiramento de cinco, seis ou mais lições enfadonhas. Caser-

na de dar aula? Não. Sacristia de bons costumes? Não. Secretaria burocrática de chamar à lição e apontar a nota? Não, não e não! Se, em geral, sou contra o nosso ensino de liceus, muito declaradamente o sou contra o de certos liceus da província, tais como funcionam. Mas adiante...

Unidade Militar é uma coisa bonita. Mete fardas e música. Anima as lojas e traz mais vantagens de ordem económica — aluguer de casas, casamentos. Inegável. Tem, por outro lado, vários inconvenientes na sua reflexão sobre os costumes e a moral, que me abstenho de enunciar. Outra vez — adiante.

Mas, repregunto, Liceu Central e Unidade Militar — para quê? Não seria tempo de medirmos a acuidade do mais angustioso problema — o da educação das meninas e das raparigas de Guimarães? A educação familiar desapareceu. Escusam de iludir a verdade. Desapareceu. O que temos é rudimentar e fragmentário. Imperfeito e inacessível à maior parte. Muito boa vontade, coisinhas aproveitáveis — mas é assim mesmo. Um instituto de instrução e educação femininas, com noções de línguas e ciências, indispensáveis hoje à vida de tôda a mulher, aulas de desenho, pintura, labores, higiene — da mulher, do lar, da maternidade —, de economia doméstica e govêrno da casa, de cosinha e amanhos caseiros, com professoras nossas e estrangeiras, sobretudo suíças — eis uma das maiores e mais urgentes necessidades de Guimarães.

Os senhores arrepelam se com os bolchevismos em perspectiva — e somos nós que tornamos incerto, revolucionário e caótico o futuro, dia a dia, por nossas mãos apressadas, desvaídas de moeda e de prazer, mãos rapaces e ímpias, mãos de gorila perfumadas e enluvadas. Tam lindas, as raparigas de Guimarães! Franzinas, delicadas, os olhos mais enfeitadores do mundo, já muito elegantíssimas, bem vestidas, cariciosas da moda. Que pena, e que desastre! Com um fundo moral hereditário, em regra tam puro... Adiante.

Escola Industrial? Muito bem, estamos de acôrdo. Mas falta lhe imenso, em aulas e oficinas. Aquilo é — o projecto de uma possível escola industrial, que, apenas por mercê de alguns professores, tem ido com bons resultados. Incompletíssima para o fim que se destina — nem industriais, nem artífices, nem operários, nem comerciantes, nem empregados —, peca por um êrro gravíssimo — a absoluta carência de ensino agrícola, que podia ser-lhe anexo. Se não acodem ao lavrador-caseiro, breve não o encontram. Os novos, os filhos, os mais aptos, os mais viris, os mais trabalhadores — emigram às centenas, aos milhares. Anda tudo cego, mas anda tudo cego!

E já outro problema instante me aflora brutal com esmagadora ânsia. Vejo tudo à compita em alindar a cidade, a lisboetar a fisionomia, apostados em nos horrorizar sacrilegamente de urbanismo pelintra, mais a encafuando

Uma grande iniciativa

Reüni no passado domingo extraordinariamente a direcção da Soc. de Defesa e Propaganda para, entre outros assuntos de importância, que breve serão tornados públicos, assentar na realização de alguns dos trabalhos preparatórios da grande reunião pública a efectuar-se por motivo da iniciativa da construção de um Teatro nesta cidade. Não nos permite hoje a exiguidade do espaço referência mais desenvolvida a êste assunto, sem dúvida um dos de maior vulto a prender a atenção de todos os vimaranenses. Fica para o próximo número, no qual publicaremos uma entrevista com o nosso ilustre conterrâneo Sr. João Teixeira de Aguiar.

no pântano, em vez de a arrebatarem, deixando intacta a mole antiga e sagrada — a que devia respeitar-se como ninho e solar de Portugal — para o alto espaiçoso e sêco. Mas, ainda mais, vejo crescer a sombra da morte. E' uma devastação assombrosa. Meus Senhores: em Guimarães está-se morrendo excelente e bastantemente de tuberculose. Em tôdas as idades, e em tôdas as condições sociais. Que é feito daqueles desoito anos tam esbeltos, que costumavam dobrar além a esquina, negro olhar iluminado de estrelas, ao cair o meio-dia? E da tanagrinha airosa que dava por ali a volta ao Tournal? Casaram? Não. Morreram. Tuberculosas. Mas êste bando de mulheres andava nas fábricas. Porque já não trabalham? Doi-lhes o peito, vomitam sangue. E o nevoeiro cobre de um velário lactoso de lágrimas desfeitas o anoitecer triste nas ruas mal cheirosas, onde, nos tugúrios de latrina, em que se acovelam fantasmas miseráveis, bôcas descartadas engolem a água suja de uma lavadura de cães rafeiros. Húmida, de interiores sujos, com uma população alheia aos rudimentos da simples lavagem, é uma das cidades em que se come pior e mais caro em todo o país. Degrada, envergonha, revolta. Que lhe fazer? Ora essa! Em poucos meses, uma municipalidade sensata e acometida remediava o essencial — da casa à alimentação.

Adiante? Não — agora ponto final. Obrigadinho pelo convite, meu caro dr. José Rodrigues, mas noutra não me apanhas — não quero a tua mão para descer no conceito indiferente e regalado do público. Vou te arranjar umas «velharias» para qualquer número próximo. E o melhor que tens a fazer destas linhas... é rasgá-las.

Eduardo d'Almeida.

N. da R. — Eduardo d'Almeida é hoje, sem dúvida, um dos primeiros escritores portugueses. Dêse o «Na Lama» até à sua última produção, «Vida de Sombras», que é uma maravilha, a sua carreira literária tem sido uma contínua ascensão. A sua colaboração enriquecerá assiduamente as nossas páginas. O seu artigo de hoje pode parecer, a quem superficialmente o analise, um tanto derrotista... Deve, porém, entender-se em termos justos. As palavras de Eduardo d'Almeida devem ter-se, com todo o seu desalento, mais como incentivo do que como recriminação ou renúncia. Merecem comentário. Ser-lhes-há feito nos próximos números.

S. D. P. de Guimarães

Seus objectivos. Sua acção.

Prometemos, no nosso primeiro número, continuar desenvolvendo o assunto que a epígrafe acima designa. Há alguma coisa, porém, na vida da S. D. P. G. que tem merecido o reparo de muitos. Essa alguma coisa é a visita que fez ao Snr. Governador Civil do Distrito a sua Direcção. Para que todos conheçam perfeitamente o espírito da demarche realisada, para acabar de vez com injustificadas especulações, transcrevemos na integra o memorial então apresentado ao chefe do Distrito. Não-de todos forçosamente convencer-se de que não são os intuitos políticos que movem a Sociedade de Defesa e Propaganda, mas sim, única e exclusivamente, o de bem servir a nossa Terra.

Segue o memorial:

«Ex.º Sr. — A Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, cujos superiores objectivos a sua própria designação indica, é hoje uma das melhor organizadas instituições similares do distrito, contando no seu grénio algumas centenas de sócios, pertencentes a todas as classes, desde as mais humildes às mais elevadas. Nenhuma preocupação política a move. Congrega, unidos pelo mesmo elevado anseio de bem servir a gloriosa Terra-berço da nacionalidade portuguesa, indivíduos providos das mais diversas orientações políticas, sendo esta característica uma das que mais tem contribuído para impôr-se, como se impôs, à consideração dos habitantes da cidade e concelho, pois todos sabem antecipadamente que qualquer atitude que tome, qualquer passo que dê, é, e sempre será, tendo exclusivamente em vista os interesses, as regalias, os direitos, as aspirações de Guimarães.

Vindo junto de V. Ex.ª, esta Sociedade nada faz mais do que cumprir o seu dever, pois, tendo V. Ex.ª tomado, ainda há pouco, posse do elevado cargo de chefe do distrito, a ela se impunha a indeclinável e imperiosa obrigação, de clara e sucintamente, referir a V. Ex.ª em que consistem algumas das mais instantes e justas aspirações dos vimaranenses, aspirações que, com certeza, V. Ex.ª já conhece, mas que nunca é demais fazer salientar e por elas pugnar, dado que até hoje ainda não foram satisfeitas.

Uma unidade militar, com distrito de recrutamento e reserva, tal como já possuiu durante muitos anos, eis uma das mais caras aspirações de Guimarães.

Da conveniência, da absoluta necessidade da sua satisfação, desnecessário será falar, por ser de evidéntissima justiça. De resto, aos Poderes Públicos têm sido levadas, por diversas vezes, representações fundamentadas sobre este magno assunto, nas quais bem claramente se demonstrou a razão que assiste aos vimaranenses.

O mesmo se deverá dizer no que respeita à situação do Liceu de Martins Sarmiento. Tal como está, o Liceu não serve as necessidades da região. Tendo todas as condições pedagógicas para comportar, pelo menos, os 6.º e 7.º ano de sciências, sendo frequentado como poucos do país em igualdade de condições, dispondo de rendimentos próprios para isso, não se compreende, nem se justifica, que ainda não fôsse elevado à categoria de *Central*.

Alem destas, sem dúvida as de maior relevo, outras aspirações dos vimaranenses merecem inteira e completa satisfação por quem de direito.

São elas, especialmente, as que respeitam à construção da estrada para a Citânia de Briteiros, primeira estação arqueológica do país, cujo acesso é agora difficilimo, o que constitue, até, uma vergonha nacional; ao aumento do destacamento de policia, elevando-se o número de guardas a, pelo menos, 24, comandados por um chefe, pois o número actual é insufficiente e até ridiculo para bem se desempenhar das suas funções numa cidade tão populosa; à concessão da verba necessária para a instalação do material existente na Escola Industrial Francisco de Holanda e construção das indispensáveis officinas; ao estabelecimento da permanência dos

A estrada para a Citânia de Briteiros

Aquela estrada por que o douto Martins Sarmiento tanto anciava para ligar a Citânia à curiosidade e ao estudo das gentes que, tantas vezes, se recusavam a ir lá por falta de coragem para demandar a pedregosa e ingreme encosta — *vai ser um facto!*

Quando há um ano eu abria no «Correio do Minho» brecha sobre este assunto, levando pouco depois o espirito público a interessar-se pelas famosas ruínas, realisando ali os vimaranenses a sua primeira excursão popular, recebia do nosso distinto conterrâneo sr. Dr. João Antunes Guimarães uma cooperação e um aplauso muito entusiásticos, sem que todavia pudesse profetar, que seria este illustre filho de Briteiros quem viesse a realizar o «lindo sonho» porque Martins Sarmiento há 53 anos almejava: — uma estrada e um «veterano» para guardar as ruínas que êle, o mineiro ciclopico, ia pondo a descoberto.

Em carta que então me endereçava, dava conta o sr. Dr. João Antunes Guimarães dos esforços empregados a dentro dos organismos administrativos por onde atravessara; o que bem prova o seu espirito de acção e o seu forte querer, postos em demanda de uma conquista que, sendo legitima em quem é filho do torrão citaniense, nem por isso deixa de ser *patriótica e eminentemente nacional*, tanto essa estrada corresponde a uma necessidade do melhor interesse público.

Falando no «Primeiro de Janeiro» dessa via de comunicação o brilhante jornalista e antigo ministro, sr. Dr. Marques Guedes, êle não teve dúvida em classificá-la de «iniciativa benemérita»; tanto reconhecia quanto era lastimável que ignorassem o tesouro arqueologico de Briteiros as *classes cultas* do nosso país.

E para que se aquilate a superioridade de vistas do sr. Dr. João Antunes Guimarães na realização do seu antigo e apaixonado pensamento da estrada para a Citânia de Briteiros, basta ver que a sua directriz não se limita a servir apenas o seu e nosso concelho; pois corresponde a um interessante circuito de turismo na zona Norte, servindo Braga, Bom-Jesus, Sameiro, Citânia, Taipas, Guimarães, Penha etc.

Pode e deve, portanto, fazer-se pública afirmação: de que o actual Senhor Ministro do Comércio soube integrar o *interesse da sua terra natal, com o interesse geral da Nação!*

Vem a propósito dizer-se que pertence, em parte, a continuação do estudo e traçado da estrada da Citânia ao culto bracarense e distinto arqueólogo Dr. Manuel

Monteiro, quando este meu illustre amigo passou pela gerência do Ministério do Fomento.

Desta vez, portanto, não haverá lugar à mordacidade dos que irradamente, por um excesso de *bairrismo bracarense*, ainda há pouco alfinetavam o sr. Dr. João Antunes Guimarães, no caso da linha férrea que satisfiz plenamente ao distrito, mas que uma feroz desconfiança andava a apregoar que seria uma linha sacrificada ao «solar de Briteiros»...

Bem haja S. Ex.ª por saber, tanto no caso do Caminho de Ferro, como no caso da Estrada da Citânia, pôr o interesse geral acima das *vistas curtas* dos politicos de regedoria; o que é demonstração eloquente de um superior critério administrativo e de um culto espirito de visão, à altura de um estadista e de um honesto homem de governo.

A estrada que deve estar, senão pronta em definitivo, pelo menos já por forma a utilizar aos delegados do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia a efectuar no mês de Setembro, em Lisboa, será um motivo de prestigio especial para a Sociedade dos Arqueologos Portugueses, de passo que dignificará as demais academias e sociedades scientificas de Portugal; visto que, sendo a Citânia agora visitada, como o fôra há 50 anos, por delegados do referido Congresso, não se patenteará a insufficientia da nossa cultura, nem a falta de zêlo por uma joia do nosso patrimonio nacional.

\*

Deve-se ainda ao nosso distinto conterrâneo, sr. Dr. João Antunes Guimarães, Ministro do Comércio, a iniciativa de mandar proceder a obras de limpeza, conservação e, possivelmente, reconstituição de algum trecho do jazigo arqueologico da Citânia, para a efectivação de cujos trabalhos fôram nomeadas duas comissões: uma de carácter tecnico e outra de caracter administrativo.

Feita há dias a primeira visita de estudo, por parte da comissão tecnica, ás ruínas da Citânia, foi resolvido dar começo immediato a essas obras, preferindo-se o critério de «conservação» ao de «restauração», e ainda o de proseguir nas escavações da arcaica povoação *citaniense*; porquanto, tudo parece induzir à convicção de que o esquelêto do pré-histórico povoado é de bem maior valor.

Está pois de «parabens» a Sociedade Martins Sarmiento, e, com ela, a cidade de Guimarães.

A. L. de Carvalho.

serviços telefónicos, tal como acontece em cidades de bem menor movimento.

Ficamos certos de que V. Ex.ª se empenhará por que aos vimaranenses seja dada a imensa alegria de verem realisadas as suas mais queridas aspirações, todas elas correspondendo a imperiosas necessidades, a indiscutíveis regalias, a interesses legitimos e a direitos até agora postergados.

Por último, a V. Ex.ª afirmaremos também, por o julgarmos oportuno e necessário neste momento, que aos vimaranenses muito interessa que a acção administrativa local, ao contrário do que presentemente acontece, se faça

sentir duma forma mais consentânea com as necessidades da cidade e concelho, isto é, de maneira a melhor contribuir para o seu desenvolvimento e progresso.»

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, vimonos obrigados a retirar muito original, entre êle todo o respeitante à secção *Informações e Noticias*, que, por esse motivo, só no próximo número começará a ser publicada. Que os nossos colaboradores e os nossos leitores nos desculpem.

CINE-TEATRO

A crise de Teatro. Gralhas.

Na Carta da Capital de «O Primeiro de Janeiro», há dias que li esta afirmação: a crise do teatro provém dos grandes intervalos que espacejam os actos, contribuindo para que os espectáculos terminem a deshoras.

Ora, muito embora o illustre cronista tenha carradas de razões por ter aguentado um desses espectáculos, entendemos que essa afirmação não traduz plenamente o que há de necessidade dizer-se, uma vez que a crise do teatro é determinada por três factores que avullam sobre quaisquer outros, e que, quanto a nós, são basilares.

E para que o leitor amigo se não cance, enumerá-los-hemos sinóticamente:

Factores da crise teatral	{	Companhias Autores Civilização
---------------------------	---	--------------------------------------

a) Pelo que respeita a «Companhias», nós vemos-as formadas, no geral, com elementos que não formam conjuntos viáveis. Já o snr. Miguel Coelho, em o n.º 38 da revista «de Teatro» que se publicou em 1925 definiu, e muito bem, o que representavam esses conjuntos: «Se examinarmos com atenção os elencos das diferentes Companhias, grupos e grupelhos que, há uns tempos a esta parte, abundam pelo nosso país, estendendo-se ao continente africano, ilhas e América, notamos que são formados na sua maioria, por illustres desconhecidos, tendo como primeiras figuras, um ou dois elementos de valor. Porque será assim? Por que actualmente, são raros os artistas que trabalham para a Arte. Os outros atendem mais ao estômago, e para o terem sempre aconchegado, necessitam de dinheiro».

b) Pelo que se refere a Autores, a crise é enormíssima, produzindo-se muito pouco e fraco. Podé-los-hemos considerar, com raras excepções, estrelas de papel que balouçam nos ares favónios da critica. Entre nós, dignos de tal nome, poderemos apontar meia dúzia. De resto, exige-se do público a compreensão de certas traduções que nem agradam nem revelam arte, e de originaes que são uma miséria de ideias e de literatura.

c) Quanto à «civilização» já Garrett, empunhando a sua pena acerada de critico consciencioso, dizia: «O Teatro é um grande meio de civilização mas não se prospera onde a não há». E, infelizmente, na nossa terra, a civilização continua sendo coisa de luxo que tem a combatê-la a legião enormíssima do analfabetismo — legião essa que se permite a jactância de criticar e maldizer de todas as honestas manifestações da Arte.

L. Coelho.

Se houve mártir de gralhas no primeiro numero da nova fase deste jornal, fui eu. A linhas 10 deve ler-se: «expri-me as manifestações...»; a linhas 20, «harmonia das duas Escolas»; a 26, «versâmica»; a 42, «vive-se da arte...»; e a 49, sejam em vez de «surjam».

Visitem a Exposição da Casa HIGH-LIFE no próximo Domingo 4 de Maio.

# Casa High-Life

Filial de Benjamim de Matos & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>  
TELEFONE 64  
Tourol-Guimarães

**TEM QUÁSI COMPLETO O SEU ENORME SORTIDO DE NOVIDADES PARA VERÃO**

Devido a compras importantes que tem feito, vende todos os artigos da sua especialidade nas suas várias Secções de Modas, Miudesas, Camisaria, Gravataria, Tecidos de lã e de algodão para casacos e vestidos, Artigos para bordar e Perfumarias, a preços reduzidíssimos.

O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis.

**VENDAS SÓ A DINHEIRO**

Visitem a exposição que fazemos no dia 4 de Maio

Atenção -- Esta casa tem em liquidação, a preços baratíssimos, todos os artigos que vieram dos antigos possuidores desta casa.

## Fábrica de Pentas do Ribeirinho

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS  
ARMAZENS EXPORTADORES

Telefone 128

Guimarães - Portugal

## ATELIER DE CHAPEUS PARA SENHORA E CRENÇA

DE

# MARIA DA OLIVEIRA RORIZ

TELEFONE 70

VERÃO DE 1930 ..... DOMINGO 4,

Abertura da Estação com a exposição do mais completo e variado sortido tanto para Senhora como Crença

Lindos modelos. — Preços sem competência.

Papelaria — Perfumarias — Tabacos  
Gramofones e discos — Radiotelefonía  
Papeis de embalagem — Fio — Papelão

# CASA IDEAL

JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 — Telefone 181 — GUIMARÃES

## CASA DE SANTA TERESINHA

122, Rua da República, 122-A  
GUIMARÃES

Papelaria e Livraria — Artigos religiosos — Objectos de escritório  
Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.<sup>a</sup> Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

## ALFABETARIA DE RIBEIRO, FILHO

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões

**Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.**

9, Largo da Misericórdia, 10 — Telefone, 177 — GUIMARÃES

## CASA DAS GRAVATAS DE Dias & Carvalho, L.<sup>da</sup>

43, Rua da República, 47 — Telefone 188 — GUIMARÃES

Chapelaria, Camisaria e Gravataria  
Completo sortido em meias, peugas, popelines, bolsas, malhas, guarda-chuvas, perfumaria, miudezas e artigos de novidade.

**EDITAL**

A Comissão Administrativa da Freguesia de S. Jorge de Selho e sua anexa do Paraíso:

Faz saber que se acha aberto concurso, durante um período de 20 dias, a contar da data deste edital, para as seguintes empreitadas no Cemitério Paroquial e caminho que lhe dá acesso:

**Cemitério:** I) Nivelamento, pavimentação, construção de valetas e regularização de esgotos das ruas.  
II) Construção de um poço com bomba para extracção de água.  
III) Ajardinamento e arborização.  
IV) Construção de um cruzeiro.

**Caminho:** V) Seu alargamento e pavimentação.

Os interessados terão a sua

disposição em casa do Presidente da Comissão Administrativa desta Freguesia, todos os dias e a qualquer hora, os projectos e cadernos de encargos relativos a estas empreitadas.

S. Jorge de Selho, 24 de Abril de 1930.

A Comissão,  
Aprigio da Cunha Guimarães  
Francisco Lopes Correia  
Albano M. Coelho Lima.

**Prevenção**

Pedro Maria de Moura, industrial desta cidade, previne todo o público que não assume a responsabilidade de qualquer divida contraída por seu filho menor Daniel de Moura.

Guimarães, 26 de Abril de 1930.

## ATOALHADOS E LINHOS

# Gonçalves & Castro, L.<sup>da</sup>

GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais

Lindas colecções de bordados de Guimarães e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores

Preços das fábricas